

Sujeito Forte/Sujeito Do Devir

Nahman Armony

Ao matar Deus, o Homem matou a si mesmo, criando um portentoso e chocante vazio, levando à bancarrota o sujeito metafísico e transcendental.

Atacado e apagado por uma diluição nas redes comunicacionais da socialidade, o sujeito contra-ataca. Castoriades, severo crítico do obscurecimento do sujeito, escreve: *Outrora, festejava-se a morte do homem e o des-ser do sujeito. Se dermos crédito a gazetas mais recentes, as informações eram levemente exageradas. Verdadeira assombração, o sujeito estaria novamente entre nós(pag.201)(...)quis-se esquartejar o sujeito humano(...)*Se considerarmos o para si enquanto simples processo autocentrado e autoconservador, mas "cego" a tudo o que ultrapassa as instrumentalidades que dependem dessas duas finalidades, portanto aparentemente "mecanizável", se tanto, o ser humano não seria mais "sujeito" do que, por exemplo, o sistema imunutário que apresenta, como sabemos, uma hecceidade muito forte. Chegamos assim ao "processo sem sujeito"(...)e à linhagem Levi-Strauss/Althusser/Foucault. Ou melhor, pretendemos reabsorver inteiramente o sujeito humano na dimensão do indivíduo social, e em particular na linguagem; diremos então que ele está preso, perdido, alienado na linguagem (...)que ele não fala, mas é falado(...)-com o risco de instalar "atrás" dele um "sujeito do inconsciente", o qual evidentemente se anula assim que uma palavra é pronunciada. É a linhagem Lacan/Barthes/Derrida (pag.208/9)¹.

Como recuperar um sujeito perdido nas tramas da comunicação e da socialidade? Como dar consistência e densidade a um sujeito que já não pode ser metafísico nem transcendental?

Em um trabalho anterior² propus admitirmos a figura de um "sujeito forte" que já não seria o "sujeito metafísico" - transcendente, objetivo, independente de

circunstâncias e acontecimentos, mas, sim, um "sujeito do devir", amalgamado aos acontecimentos e deles dependente. Mas, como admitir um sujeito forte atrelado ao mundo sensível? Afinal, que estranho, que contraditório, que paradoxal sujeito forte do devir é esse?

No trabalho referido carnalizei-o através do jazzista Keith Jarret. Seus improvisos revelam um sujeito que, embora em devir, é um sujeito forte, criando, a cada instante, sua música e nela expressando a totalidade de seu ser-em-devir, de seu ser instantâneo, fugaz, ser em trânsito, passageiro no rumor do tempo. Nada há de predeterminado em sua criação. A música flui, em devir, de um centro criativo, de um self, de um sujeito em contínua atividade de criação. Tal como o self, a música é devir, inesperado devir; no entanto, cada momento deste devir, desta música em construção e desvanecimento, só existe por ter um passado e por antecipar um futuro desconhecido. O devir-musical só faz sentido, só existe, com o já tocado e com o que virá a ser tocado. É, sem dúvida, uma situação paradoxal: a música ao mesmo tempo em que, ao se construir, se desvanece, tem uma permanência que se manifesta na coerência e continuidade captável a cada momento e mais claramente perceptível à última nota da atuação musical. O sujeito forte do devir (ou, sujeito forte em devir), é neste paralelo, não só criativo, como também apresenta continuidade e coerência; não uma coerência pronta de um sistema fechado, mas uma coerência aberta para um futuro que se sabe existir, que tem a ver com o presente-passado, mas que é imprevisível; sabe-se que haverá um depois, mas não se o prevê; jamais saberemos para onde vai o improviso de um artista criativo, de um self, mas, qualquer que seja sua direção, estará multifacetadamente-infinitamente debruçado sobre, predeterminado pelo acontecido/acontecendo.

Também falei de um relacionamento carnal, fusional, entre artista e ouvinte, remetendo-nos à primitiva relação mãe-filho, tempo de formação de uma potência criativa a que chamamos self e que é o próprio sujeito forte do devir.

A noção de passibilidade de Lyotard³ servirá justamente para falarmos do paradoxo "sujeito forte em devir", um paradoxo que se constrói na primitiva relação mãe-filho, onde, num estado de simbiose, ocorrem trocas afetivas em um plano, não aquém ou além da palavra, do conceito, e mesmo da consciência, mas fora. Uma citação de Lyotard servirá para introduzir a noção de passibilidade no seu agenciamento com o sujeito do devir e relação mãe-filho primitiva: *O now desampara e destitui a consciência, representa o que ela não consegue pensar(...)O que não conseguimos pensar é algo que ocorre. Ou, melhor dito e de forma mais simples: que ocorre...Não um grande acontecimento, no sentido dos media. Nem mesmo um pequeno acontecimento. Mas sim uma ocorrência(pag.96)*³. Não é o sujeito-em-devir um permanente ocorrer na medida em que não podemos definir qual o acontecimento seguinte? Vejamos o que nos diz Lyotard sobre ocorrência na pag.66: *A expressão "Acontece..."(aqui "acontece" é equivalente a "ocorre") é a própria fórmula de não dominação do ser pelo ser. O acontecimento torna o ser incapaz de tomar posse e controlo do que é. Testemunha de que o ser é essencialmente passível de uma alteridade purificadora. Com o título "o tempo, hoje", o meu discurso coloca-se obviamente sob a égide dessa passibilidade*³ (os grifos são meus). Eu diria que o momento musical a ocorrer, aquele que se segue ao momento musical imediatamente anterior, tem este caráter de alteridade purificadora, pois nunca se visualiza sua face embora saiba-se que haverá uma face. (Segundo Lyotard, nem sempre se tem a vivência da ocorrência seguinte; a palavra ocorre aparece dominada por uma interrogação: "ocorre?". Esta é, segundo Lyotard, a fonte do sentimento do sublime. Propositalmente, eu me detenho no `ocorre' sem chegar à interrogação pois não é meu escopo estudar o sublime. De qualquer forma não custa deixar registrado que o momento da não-ocorrência pode ser agenciado ao momento da não-criação).

Passibilidade: possível passivo, isto é um possível dependente do passado/presente; um possível incontável pela consciência mas desenrolando-se do novo

passado/presente. O artista criativo, e, no paralelismo que estamos adotando, o self, o sujeito forte do devir, tem suas raízes na originalidade que advém de suas relações primitivas com a figura materna; mas este sujeito forte lançará os seus galhos para um céu de certa composição gasosa, cujo oxigênio o manterá vivo; é, pois, preciso que, a partir de uma raiz própria, sua galhada e suas folhas atentem para a existência do céu, de outras criaturas vivas, da luz do sol, do oxigênio do ar. É preciso que realize trocas afetivas com estes elementos até mesmo para a sobrevivência de suas próprias raízes; e mais, suas trocas afetivas com o ambiente, de alguma maneira, influirão nas raízes, assegurando-as ou transformando-as. Tal a passibilidade.

Confirmaremos, na próxima citação de Lyotard, que a idéia de uma originalidade advinda das relações primitivas do bebê com a figura materna, não entra em desacordo com a noção de passibilidade: *A passibilidade enquanto possibilidade de sentir (pathos), supõe uma doação. Se somos passíveis, é que algo nos acontece, e, quando esta passibilidade possui um estatuto fundamental, a própria doação é algo de fundamental, de originário*(pag.115)³. Voltemos ao agenciamento que realizo entre relação primitiva e passibilidade: Interpreto (narcísica e genealogicamente) a sua frase como referida à relação primitiva com a Mãe que é não só uma relação fundamental, originária, como também uma relação de doação. Nela há trocas afetivas, um *pathos*, um intenso sentir, que justamente tem a ver com a doação (em um trabalho anterior² falei de dádiva em referência às trocas afetivas). Esta forma de relação permanece em potência e, quando ativada, dá origem ao ato criativo. Seria a passividade, ou melhor, a passibilidade existente na relação primitiva mãe-filho (passibilidade não exclui atividade) que tornaria possível o viver criativo. Desenvolvendo o paradoxo: Em estando mãe e filho num estado do qual algo semelhante à passividade - e que podemos chamar, seguindo a Lyotard de receptividade - participa, eles se deixam penetrar, sem medo, um pelo outro, recebendo sem barreiras os conteúdos e sentimentos mútuos; é este estado de receptividade que pode nos levar a confundir passividade e passibilidade;

diferentemente da primeira, em que há um dominador e um dominado, na segunda há uma recíproca influência, podendo mutuamente se vivificarem. Vou usar uma analogia biológica para reforçar meu pensamento: Existem protozoários (exp: *paramecium*, protozoários ciliados de aspecto aparentemente igual, mas diferindo bioquimicamente), que, ao entrarem em declínio, fundem-se, e assim recuperam sua vitalidade e energia. Analogicamente: da fusão simbiótica provisória cada sujeito da díada emergirá mais individualizado e fortalecido. Continuemos com Lyotard: *A propósito da confusão entre passível e passivo. Estes dois problemas são distintos: a passividade opõe-se à atividade, a passibilidade não(...)O que visamos hoje(...)é(...)que o sujeito que recebe não receba, que ele não se deixe perturbar, é a sua auto-constituição enquanto sujeito activo, em relação ao que lhe é dado: que se reconstitua imediatamente e se identifique como alguém que intervém. Aquilo pelo qual vivemos e julgamos é justamente essa vontade de acção(...)Ainda somos tributários do modelo cartesiano do "tornar-se dominador e possuidor..." Implica a retirada da passibilidade, após a qual somente ficamos aptos a receber e, por consequência, a modificar e a agir e talvez mesmo a sentir prazer(...)Agir no sentido de uma actividade(...)é apenas, na verdade, reagir, repetir, conformar-se o mais febrilmente possível a um jogo já distribuído ou instalado(...)Pelo contrário, a passibilidade tem por desafio uma comunidade sentimental imediata, exigida através do sentimento estético singular...(pag.121)*³. Falando o mais gentilmente possível a tradução é, no mínimo, ambígua em algumas de suas partes, inclusive ao falar da retirada da passibilidade; sendo esse trecho especialmente importante para mim, tentarei esclarecê-lo. Na minha opinião o que Lyotard quer dizer é que só com a passibilidade ficamos aptos a receber, a modificar, a agir, a sentir prazer, no que eu concordo. Divergimos quando para ele a passibilidade é passibilidade quando "o sujeito que recebe não receba, que ele não se deixe perturbar, etc.". Aqui Lyotard propõe um distanciamento talvez incompatível com a simbiose vivificadora pensada por mim. Dá a impressão de uma opção por uma atitude - que, se

pensássemos em termos de consciência diríamos - crítica, preservadora de individualidade e independência; já eu confio que o corpo, o self, o si-mesmo, saberá conservar-se como tal mesmo abandonando as defesas egóicas e fundindo-se provisoriamente a outro self.

Na pag. 122 Lyotard retoma a noção de passibilidade. *Passibilidade: o contrário de impassibilidade? Algo não vos é destinado, não se pode sentir. Sois tocados, e só em seguida o sabereis. (E, pensando sabê-lo, enganar-vos-eis acerca desse `toque'.) Supõe-se que os espíritos estão angustiados por não intervirem na produção do produto. É porque pensamos a presença segundo a exclusiva modalidade da intervenção dominadora. Não ser contemplativo (grifo meu) é uma espécie de ordem implícita, a contemplação é vista como uma passividade desvalorizada³. A contemplação é aqui atividade, passibilidade. Como no olhar mãe-bebê (contemplação plena de trocas afetivas); ou no olhar que Rubem Fonseca dirige a si mesmo (Augusto) enquanto andarilha pelas ruas do Rio de Janeiro. O agenciamento que entre a passibilidade de Lyotard e a relação mãe-bebê ganha ainda maior força na citação: *É portanto necessário sugerir que poderia existir um estado de espírito sujeito à "presença" (uma presença que não está, de modo algum, presente no sentido do aqui e agora, ou seja o que é designado pelas déicticas da apresentação), num estado de espírito sem espírito, o qual é requisitado pelo espírito, não para que a matéria seja notada, concebida, dada ou apreendida, mas para que haja qualquer coisa. E, digo matéria para designar o que há, esse quod, porque essa presença, na ausência do espírito activo é e não é timbre, tom, matiz, numa ou noutra disposição da sensibilidade, num ou noutra dos sensoria, numa ou noutra passibilidade (grifo meu), pela qual o espírito é acessível ao acontecimento material e se sente "tocado"; qualidade singular, incomparável - inesquecível e imediatamente esquecida - da textura de uma pele ou de uma madeira, da fragrância de um aroma, do sabor de uma secreção ou de uma carne e, obviamente, de um timbre ou de um matiz. Todos estes termos actuam em intercâmbio. Designam todos os**

acontecimentos de uma paixão, de um sofrimento para o qual o espírito não estava preparado, que o desampara e do qual apenas conserva o sentimento, a angústia e o júbilo de uma dívida obscura(pag.144)³. Se pensarmos que o espírito não estava preparado para tais acontecimentos, mas o corpo sim - e aqui estamos novamente confrontando distanciamento e fusão - poderemos retirar o prefixo designativo de privação para ficarmos com a palavra amparo(sem evidentemente excluir desamparo); conseguimos com isto estreitar o agenciamento entre a noção de passibilidade, sujeito do devir, e acontecimentos primitivos na relação mãe-filho. Vou, pois, apesar das diferenças, e à revelia do autor(que ele me perdoe), apossar-me da palavra 'passibilidade', tratando-a como um "conceito nômade".

É este conceito de passibilidade que nos permite incorporar a sedução do objeto ao sujeito do devir, mantendo paritariamente os dois pólos em ação recíproca, tal como vimos nas relações mãe-bebê, artista-ouvinte, intérprete-música, autor-personagem. Segundo Baudrillard⁴(pag.96 e seguintes) a sedução do objeto torna insustentável a posição de sujeito; a única posição possível é a do objeto. O sujeito, fascinado pelo objeto faiscante, sedutor, fatal, perde seu rumo, desmonta sua história; seu destino é agora seguir, enfeitiçado, o objeto sedutor. E, no entanto, ele próprio nos fornece uma ponte que nos autoriza desembocar seu ponto de vista em uma compreensão psicanalítica do sujeito. Em "O cristal vinga-se"⁴ (pag. 116) fala-nos que a psicanálise sobreavaliou o nascimento biológico e genital e esqueceu o nascimento iniciático: "*O que a psicanálise não viu, foi que, felizmente, nos acontece sempre outra coisa, um acontecimento sem precedentes, que inaugura não uma história, mas um destino, nos liberta dessa gênese e desta história. Este acontecimento sem precedentes é a sedução*(pag.116)⁴. Pergunto eu: é possível maior sedução que o olhar da mãe para o seu bebê? o que há de mais fascinante para um filho do que uma mãe que dele se aproxima com seus cheiros, toques, gorgeios, plena de carinho, de transbordante afeto, de sedução? Mas, da mesma maneira que a mãe é um objeto fascinante para o bebê, o

inverso é verdadeiro. Quem mais seduz e fascina a mãe senão o bebê? Justamente, esta fascinação mútua é um destino que inaugura uma história. História e destino humanos. Este objeto fascinante é um ponto de atração que, ao sugar toda a libido do sujeito, o introduz no próprio objeto fascinante, contaminando-o de fascínio, recebendo fascínio - fascínios a girar na arrebatada euforia do íntimo abraço da relação de dois em um, multiplicando o fascínio numa reciprocidade infinita da qual é difícil desprender-se. Este é um momento iniciático, momento que pode ser arquetipicamente representado pelo encontro de dois olhares em estado de fusão/fascinação. Por ambas as pontas sujeito e objeto se fundem em fascinação recíproca; o objeto é sujeito, sujeito é objeto, sujeito é sujeito, objeto é objeto, tudo é tudo, nada é nada, tudo é nada, nada é tudo. Esta relação tão intrincada, tão sem aparentes referências, este buraco negro que é ao mesmo tempo buraco branco - lugar de máxima concentração e máxima difusão de luz, som, energia - inaugura um destino humano, destino que terá a marca do inelutável, até que outra fascinação, outra perda de si mesmo no outro, outra relação simbiótica ocorra. O analista, é sem dúvida, na sua grandeza, no seu prestígio, advindos de sua posição de depositário das fantasias de salvação do analisando, um objeto sedutor no qual o analisando se fixa como ponto de fascinação. É ele pois quem tem a oportunidade de provocar um clinâmen (estou consciente do paradoxo espontaneidade/causação), desviando-o do seu destino inelutável, destino este que tem como brilho imantado o olhar primevo da mãe. Como objeto de fascinação o analista atrairá o analisando, concentrando nele toda a libido e tornando-se um objeto de seu destino, criando um novo ponto de fascinação, um novo destino, e, conseqüentemente, uma nova história. Justamente uma nova história pessoal só é possível diante de uma nova referência fascinante - luz a se deslocar a cada passo do sujeito, mantendo a distância e o halo de fascinação. Só um novo objeto de fascinação poderá quebrar o ferrete do destino de um anterior objeto de fascinação. Só uma nova estrela iniciática - círculo de fascínio e destino - possibilitará uma reescrita da história pessoal. Este aspecto de

sedução/fascinação da psicanálise, tão temido e, por isto mesmo, tão negado e tão difamado, precisa vir à tona para um estudo mais detido e profundo, pois ele existe mesmo para aqueles psicanalistas que o negam.

Mesmo em se tratando do sujeito do devir, não é frutífero - pelo menos para a psicanálise - fazê-lo, num passe de mágica baudrillardiana, desaparecer. Por outro lado, tal como o coloca Baudrillard, o objeto como ponto de fascinação e destino possui uma força que não mais pode ser ignorada. Creio que a noção de passibilidade permite unir os pólos sujeito/objeto do mundo humano e humanizado, qualificando uma experiência de fusão promotora de uma potência de relação humana profunda, onde individualidade, pertença, e participação estão paradoxalmente reunidas.

Examinamos uma das vias possíveis para se entender o paradoxo sujeito forte/sujeito do devir. Encontramos uma coerência e continuidade que não tem a ver nem com modelos, nem com fundamentos; uma coerência e continuidade que se capta ao fim de uma frase musical, ao fim de uma atividade, ao fim de um improviso instrumental, de uma peça de concerto, ao fim de uma vida. Mas é também uma coerência e continuidade que se revela a cada passada, em cada encontro. Usei a palavra paradeterminismo buscando exprimir a passibilidade do sujeito. Há porém outras maneiras de trabalhar o paradoxo. Podemos pensar em um sujeito desdobrado, o que será elaborado através de Rubem Fonseca⁵ em confronto com Sérgio Sant'Anna⁶ e Silviano Santiago⁷. Não sendo literato estarei referido não à forma mas ao conteúdo das histórias.

Em Sérgio Sant'Anna e Silviano Santiago o modelo é a âncora na qual se engancham as histórias. Em Rubem Fonseca não há modelos; toda a narrativa se faz em devir. O modelo de Silviano Santiago é social, masculino; o de Sérgio Sant'Anna pessoal, singular, feminino.

Silviano Santiago revela seu modelo através de uma cadeia humana constituída pelo narrador-médico-moribunda-Onofre. O portador da obsessão do modelo social é a avó

do narrador, mãe de tio Mário, amante de Onofre; em sua desesperada tentativa de alcançar para a família o presumido modelo social da comunidade, constitui-se num dos motores dos acontecimentos. *Ir além, ultrapassar a barreira do humano em busca da perfeição na família, escreve o Dr. Marcelo, era o que a sua mãe queria e, para conquistar a invisibilidade social que tinha de ser conquistada a qualquer preço, contava com o amante(pag.101)*⁷. Uma invisibilidade só possível se e quando houvesse uma perfeita coincidência com o modelo social. *Forasteira, a mãe de Mário cresceu e virou gente em Pains, pondera o Dr. Marcelo. Ela amadureceu e ganhou a consciência de mulher observando o dia-a-dia da cidade que a acolhera e, com observações atentas sobre o comportamento das famílias tradicionais, com o trabalho na pensão e o contato com forasteiros, foi fabricando para si e a futura família um molde ideal a que procurava se adaptar e adaptar os filhos por aproximações gradativas(pag.102)*⁷. Trata-se pois de um modelo com um princípio orientador masculino, envolvendo um ideal-de-ego socialmente partilhado.

Sérgio Sant'Anna introduz, através de seu personagem Sílvio Martins, um modelo de linhagem feminina, um modelo pessoal, particular, singular, forjado no seio da família, no interior de uma relação simbiótica com a mãe. *E mais do que uma casa na serra, este lugar no qual nos recolhemos, eu e minha irmã, é aquele espaço para onde convergem circularmente, passado, presente e futuro. Acredito que todos nós, em algum momento de nossas vidas, desejamos que a existência conflua para este espaço(...)recanto em que se encontra suspenso o desejo, onde se instala talvez uma arte. E quando nos damos as mãos - eu e minha irmã - em quem não posso deixar de ver a outra -, ouvindo a música ou a mata ao nosso redor, escutamos também uma outra composição como se executada na caixinha de música, naquele quarto primeiro, no qual minha cama ocupa nesta nova versão o centro, de onde posso tocar dois corações sob seios que mal nasceram, como se pulsássemos na mesma bolha(pag.117/8)*⁶.

Há uma fragrância de conto de fadas impregnando este final. Mal resisto em acrescentar "...e foram felizes para sempre...", clássica estereotipia, precisa e completa em sua convencionalidade, mas indeterminada e vazia em suas reticências. Só não o faço definitivamente por não ser nada convencional o último ato do personagem de Sergio Sant'Anna; pelo contrário, o sabor de incesto afasta-nos da idéia de convenção social. Estamos perante um modelo singular, próprio do narrador da história (embora, como ele, possamos universalizá-lo, não como ato, mas como desejo), um modelo de linhagem feminina.

Eu não falaria de "final feliz" a propósito do romance de Silviano Santiago⁷ não me fosse a idéia sugerida pelo conto anterior. Mas, sem dúvida, a mãe de tio Mário deseja para a família um "final feliz" semelhante ao dos contos de fadas. Aqui "semelhante" tem um sentido mais forte, pois a avó do narrador está tentando forjar, não um modelo pessoal(feminino), mas um modelo convencional(masculino).

A idéia de modelo, de ponto final, de "foram felizes para sempre" desaparece em Rubem Fonseca; já na primeira frase somos colocados, de chofre, no devir do personagem/autor: *Augusto, o andarilho, cujo nome verdadeiro é Epifânio, mora num sobrado em cima de uma chapelaria feminina, na rua Sete de Setembro, no centro da cidade, e anda nas ruas o dia inteiro e parte da noite(pag.11)*⁵. E mais adiante: *Agora ele é escritor e andarilho. Assim, quando não está escrevendo - ou ensinando as putas a ler - ele caminha pelas ruas. Dia e noite, anda nas ruas do Rio de Janeiro(pag.12)*⁵. Não há um oculto final, uma acumulação de indícios a nos manter em *suspense* e a nos encaminhar para um término. O devir é enigma transparente, é aquilo que é, aquilo que lá está. É superfície a arrastar uma espessura. Indícios e mistérios encontram-se sim, em histórias regidas por modelos.

O modelo masculino de Silviano Santiago anuncia-se através de uma carta do Dr. Marcelo ao narrador antes de se explicitar integralmente na mãe de tio Mário: *Você se escondia para melhor elaborar um drama, você se despersonaliza para contar com*

*mais picardia um caso, e como você não existia, ali na minha frente, algo de palpável, carne-e-osso, pele-e-cabelos, era impossível o diálogo. Bem que te procurei por detrás das palavras onde você se escondia. Você nunca estava lá(...)Você buscava uma lógica na vida dele que pudesse explicar o encadeamento dos acontecimentos de sua vida. E, no entanto, vocês não se casavam, afirmava categórica e definitivamente. Vocês não se casam(pag.70)*⁷. O narrador buscava uma lógica para poder se apresentar diante da comunidade com uma história que lhe garantisse a atenção, a admiração, o sucesso; este o caminho escolhido para obter um lugar na sociedade: *Que teria adiantado ele me passar uma informação, globalizante que fosse. Eu teria transformado a informação num caso a mais que, orgulhoso, iria contar aos outros na primeira esquina da vida(pag.71)*⁷. Esta ânsia exibicionista paraliza o sujeito do devir; o self criativo encolhe-se, esconde-se, desaparece[Você nunca estava lá]. O diálogo torna-se impossível; impossível a verdadeira relação dual de trocas afetivas[Vocês não se casam].

A exclusão do novo, do diferente, do singular, em favor de uma estereotipia superficial - manifestações do modelo de linhagem masculina - aparece numa crítica aos romances regionalistas: *Para esses psicólogos de meia-tigela que são os autores regionalistas, continua ele, os forasteiros são facilmente distinguidos e expulsos do campo de interesse e de investigação: são os parentes que se hospedam em casa de familiares ou viajantes que são segregados à pensão. Reduzindo a população do romance aos locais, terminam por criar personagens que são destituídos de mistério, tramas que vivem das relações superficiais entre os moradores. Nessa perspectiva, levam todos uma existência palavrosa e exterior, de fala estropiada e nada personalizada, capazes apenas de aç-es e de idéias previsíveis e tatibitates(pag.74)*⁷.

O narrador, já se despedindo da vida, finalmente furará o bloqueio imposto pelo masculino e poderá se encontrar com sua interioranidade(sic) atingindo o *verdadeiro íntimo das coisas(pag.88)*⁷. O formal, o aparente, o convencional, o superficial cederá

seu lugar ao íntimo, ao singular, ao vivo, ao pathos: *Você está se dando conta de que o nosso papo de repente fugiu do previsível ditado pela narrativa construída pela memória dos mais próximos e dos que mais te amam. Você se dá conta de que o que eram insistentes pedidos meus de esclarecimento se transformam, na nossa conversa, em novos e agressivos dados sobre a vida familiar, carregando de energia negativa as minhas palavras, sobrecarregando de eletricidade as relações e os laços, fustigando nervos expostos pelo correr dos anos, ressuscitando sensibilidades e susceptibilidades mortas e enterradas*(pag.95)⁷.

O narrador está em processo de transformação. A história de tio Mário já não mais será um veículo de exibição, de afirmação social. Mesmo porque, moribundo, sua investigação só é de serventia para si próprio no seu diálogo com tio Mário, com vovó Marta, com a mamãe jamais conhecida. Neste ponto é-me impossível desvencilhar-me de minha condição de psicanalista. O narrador tendo perdido a mãe durante o seu parto provavelmente terá no seu inconsciente um sentimento de culpa: terá ele matado a mãe? será a relação mãe-filho uma relação mortal? por quê vovó Marta quer matar o filho, o tio Mário? será que isto tem algo a ver com a sua história, com a história de filhos e mães? E muitas outras interrogações possíveis...Estas são as íntimas indagações, feitas pelo seu verdadeiro self e que ficaram sepultadas sob camadas de pensamento e ação estereotipados. Mas, já agora, há uma relação de intimidade do narrador com sua história familiar, semelhante à relação do ouvinte com o artista, do intérprete com a música, da mãe com o filho. Uma relação regida pela passibilidade, pelo devir, e não pela determinação, pelo modelo social, pelo poder/saber: *Não narro mais pelo prazer de saber. Narro pelo gosto de narrar, sopro palavras e mais palavras, componho frases e mais frases. Distantes, certo. Mas frases quentes, porque não consigo a proteção de amianto necessária para salvaguardar-me dos efeitos bumerangues produzidos pela carta do Dr. Marcelo*(pag.97) (...) *Contra a vontade, estou me*

metamorfoseando(pag.98)⁷. O narrador percorre o caminho que separa o modelo da singularidade.

O que fará um moribundo com sua singularidade recém-descoberta? *Contra a vontade estou me metamorfoseando. Transformado e transtornado torturo-me a mim e a você e a todos nós. Para quê? É inútil a pergunta....Retomo a voz que conversa com você, tio Mário, como se retomasse um exercício de canto, aprendiz de tenor que sou a repetir as escalas melódicas num processo infinito e inconsciente de aprendizado...*(pag.99).⁷

Em Sérgio Sant'Anna encontramos também indícios anunciando o modelo feminino. A festa de despedida - *só para mulheres*(pag.85)⁶ - reúne as que de alguma maneira marcaram o narrador. Apenas quatro homens estarão presentes: ele próprio, Caio Tácito, Pedro Fontana e o General. Caio Tácito, seu amigo íntimo, é outro indício do feminino que domina o conto: *E o Caio é um homem sensível, quase uma alma feminina, daí talvez não ter se adaptado ao mundo profissional da brutalidade e da competição, dedicando-se quase completamente à contemplação do ócio....ou à poesia não escrita daqueles que apenas refletem a existência, no interesse verdadeiro por seu e sua semelhante, ao amor, enfim, com a abnegação obcecada dos românticos. Considerava-o - e creio que ele a mim - uma testemunha ou ouvinte indispensável aos fatos da vida, sem a qual esses fatos e a própria vida pareceriam não existir. Era como se inscrevêssemos um no outro as nossas memórias que jamais seriam escritas*(pag.86)⁶. Testemunha sim, mas testemunha dual, e não testemunha da e para a sociedade. Caio e Sílvio testemunham apenas um para o outro tal como o fazem mãe e filho, ouvinte e artista. Encerrados em um ovo, em um mundo próprio, nada mais lhes interessa que os recíprocos olhares, os mútuos testemunhos. Eles se bastam. Seus atos, seus sentimentos, suas existências são validados simplesmente e apenas pelo outro da díada. Nesta concha fechada a entrada de um terceiro é intromissão, invasão, intrusão.

Mas há que temperar o feminino com uma pitada de masculino. E aqui entra Pedro Fontana, o jornalista. Com ele referencia-se o acontecimento feminino a um mundo mais amplo, ao mundo das regras e leis societárias, ao masculino. Como Caio Tácito, Pedro Fontana é também uma testemunha, mas não uma testemunha dual. Ele é o terceiro, aquele que testemunha para o Social, para a História: *O Pedro Fontana. Apesar da discrição que também interessava a ele próprio, pois era bem casado havia muitos anos e sua mulher podia ser daquelas que interpretavam os fatos sob a lente desfocada da amargura, eu me sentia mais seguro se o evento que estava para se produzir não se perdesse na vala comum das manifestações menos relevantes e fizesse parte do acervo secreto de uma fonte autorizada para a própria história do Brasil(pag.86/7)*⁶. Pedro Fontana testemunhará para a posteridade a vitória do feminino, da concha se fechando ao social e à História, expulsando-os do seu interior. No espaço oval infinitamente limitado só restam duas pessoas: Sílvio e uma de suas irmãs gêmeas *pulsando na mesma bolha(pag.118)*⁶. Felizes para sempre...

Augusto, personagem de Rubem Fonseca, não é nem feliz, nem infeliz. Simplesmente vive. Não tem nem modelos, nem fundamentos. Possui, isso sim, linhas imantadas, aglutinadoras - escrever seu livro, perambular pelas ruas do Rio de Janeiro e ensinar prostitutas a ler - "insinuâncias"⁸ que, impregnando cada momento do passado e pairando por sobre a barreira do presente absoluto, dão consistência ao devir de Augusto. Seu futuro é um livro aberto tal qual a história sem fim que está escrevendo sobre a "Arte de andar nas ruas do Rio de Janeiro" e que é também o título do conto do qual Augusto é protagonista. Podemos presumir que, da mesma maneira pela qual o autor se inclui no conto através de Augusto, este similarmente se coloca - juntamente com as prostitutas, vagabundos, mendigos, histórias, edificações, parques, banheiros, ruas, esquinas, paisagens, etc. - na estória que está escrevendo. "A arte de andar nas ruas do Rio de Janeiro", título das estórias de Rubem e Augusto refletem-se mutuamente.

Olho no olho eles se amam e se enriquecem. Rebelando-se contra o autor o personagem adquire uma relativa autonomia, tornando-se o outro familiar/desconhecido de Rubem, sua alteridade interna, revelando-o para si mesmo, enriquecendo-o; ao mesmo tempo é revelado e enriquecido pelo outro do outro, outro do outro do qual Rubem Fonseca e Augusto também participam. Este jogo de olhares espelhantes, sincréticos, reveladores, criadores, pode ser levado ao infinito. Basta-nos no momento dizer que, este outro, este duplo que sai da alma/corpo de Rubem Fonseca como se ectoplasma fosse - um ectoplasma que permanece a ele aderido, semelhantemente aos fantasmas das imagens de televisão, acompanhando-o em suas perambulações citadinas - proporciona consistência ao devir de Rubem/Augusto.

O sujeito do devir, ameaçado em seu ser, desvanecendo-se a cada passo dado, desaparecendo na névoa de um passado atipificado por ausência testemunhal, reforça sua continuidade e consistência (não esqueçamos das insinuâncias⁸ produzindo já um primeiro nível de consistência e continuidade) quando se desdobra, tornando-se ao mesmo tempo observador e participante dos ocorreres; nesta situação pode prescindir de modelos pois sua vida - seu devir - torna-se exemplar na medida em que pode ser narrada; a narração em devir faz-se possível justamente quando um fantasma se destaca do corpo/alma, quando o sujeito ganha um desdobramento. Neste momento modelos e fundamentos deixam de ser indispensáveis para que tenhamos um sujeito forte; o sujeito do devir, fraco e diluído, reaparece forte e consistente ao pensarmos em desdobramento e insinuâncias⁸.

Estou alerta à tendência de chamar Rubem de observador e Augusto de observado. Realizá-la seria criar uma nova transcendência que não faz juz à relação Rubem-Augusto. Ambos são tanto observadores quanto observados; personagem e autor fundem-se numa hibridação em que viver observando a vida observando quem observa a vida observando quem observa quem observa observando a vida desenha uma graciosa curva que, passando pelo infinito, retorna a Rubem Fonseca, fonte e origem do

desdobramento; mas retorna na forma de um devir que é ser, de um ser que é devir, de um sujeito que, nesta viagem realizada ao infinito de si mesmo, de sua história, de sua percepções, de seu ambiente, torna-se consistente e denso, embora em devir.

Augusto é o duplo de Rubem Fonseca, em relação ao qual está, ao mesmo tempo, fundido e afastado. Distanciado, o autor pode falar sobre si mesmo e fundido, pode imergir no devir do personagem que é seu próprio devir; mergulhar em seu devir através do personagem. O duplo espelhante ao mesmo tempo em que se destaca da origem, acompanha todos os passos do autor-personagem; preso ao corpo, não o abandona para se colocar no mundo das essências como sujeito atemporal mas, pelo contrário, aderido ao corpo, mantém-se na corrente do tempo. Um duplo que, perseguindo incansavelmente seu amo como sombra, permite ao mesmo tempo viver e pensar o acaso; o acontecer que era só superfície ganha espessura; ao contemplar o devir o sujeito o faz com todo o seu passado presente; o que passa, no próprio momento em que passa, passa com a sua carga de passado tornado presente e fluido na ação de passar. O sujeito do devir não desaparece, não se pulveriza no devir, mas permanece como devir; um devir que não se desvanece, mas se afirma como ser⁹; é o sujeito do eterno retorno, da repetição diferencial. Um sujeito que repetirá diferencialmente suas experiências já que cada instantâneo de seu devir apresenta uma espessura na qual se aloja o passado, a contemplação, a continuidade.

Juntando repetição diferencial, self criativo, passibilidade, insinuações, desdobramento do sujeito do devir, fazemos um prato múltiplo a ser comido por quem deseje pensar o paradoxo sujeito forte/sujeito do devir. Se um prato assimilável ou indigesto, se nutritivo ou inútil, é outra questão. Em todo caso, espero que meu esforço culinário resulte palatável.

Rio, fevereiro de 1993.

NOTAS E REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- 1- Castoriades,C.- *O mundo fragmentado, as encruzilhadas do labirinto/3*. Editora Paz e Terra, Rio de Janeiro, 1992.
- 2- Armony,N.(1991)- *Do mínimo-Ser ao Ser-barroco*. Revista ECO. Publicação da Pós-Graduação em Comunicação e Cultura da Universidade Federal do Rio de Janeiro. V.1, n.3, 1993, Imago Editora.
- 3- Lyotard,JF.(1988)- *O Inumano*. Editorial Estampa, Lisboa, 1990.
- 4- Baudrillard,J.(1983)- *As estratégias fatais*. Editorial Estampa, Lisboa, 1991.
- 5- Fonseca,R.(1992)- *A arte de andar nas ruas do Rio de Janeiro* in "Romance Negro". Companhia das Letras, São Paulo.
- 6- Sant'Anna,S.(1991)- *Adeus* in "Breve história do espírito". Companhia das Letras, São Paulo.

7- Santiago,S.(1992)- *Uma história de família*. Rocco, Rio de Janeiro.

8- Armony,N.(1992)- *Insinuância* IN 'Borderline, uma outra normalidade', p.18. Rio de Janeiro: Editora Revinter, 1998.

9- *Pois não há ser além do devir, não há o um além do múltiplo; nem o múltiplo, nem o devir são aparências ouilus-es. Mas também não há realidades múltiplas e eternas que seriam, por sua vez, como essências além da aparência. O múltiplo é a manifestação inseparável, a metamorfose essencial, o sintoma constante do único. O múltiplo é a afirmação do um, o devir, a afirmação do ser(pag.19) in. Deleuze,G. - Nietzsche e a filosofia. Editora Rio, Rio de Janeiro, 1976.*